



O Governador das Esmeraldas

Embora tenha sido tema de uma peça de teatro e de um famoso poema de Olavo Bilac, o nome de Fernão Dias, assim como o de seu companheiro Raposo Tavares, permaneceu no obscurantismo por quase dois séculos após a morte inglória no sertão. Embora Pedro Taques, o primeiro historiador de São Paulo, fosse seu sobrinho-neto, na biografia de Fernão Dias restaram muitas lacunas. Sequer se sabe com certeza onde e quando ele nasceu (embora São Paulo e o ano de 1608 sejam a data e o local mais prováveis). As circunstâncias de sua morte, porém, são bem conhecidas. Vitimado pela malária, seu corpo foi “embalsamado” à moda bandeirante: sobre a sepultura de dois palmos da terra, acenderam-se fogueiras que arderam por vinte dias. Então, os ossos de Fernão Dias foram trazidos pelo filho para São Paulo — não sem antes terem afundado num naufrágio no rio das Velhas. Enterrados no mosteiro de São Bento, foram redescobertos e exumados em 1922.

O velho homem do sertão: Fernão Dias em retrato supositício (acima).

Não existem imagens autênticas dos bandeirantes paulistas.

e serviu devotadamente à Coroa, mas morreu virtualmente abandonado, talvez até pobre, em seu sítio perto de São Paulo. Ao longo de 60 anos, Raposo Tavares viveu tudo o que se pode esperar de um bandeirante.

Nascido no Alentejo, em Portugal, em 1598, chegou ao Brasil aos 20 anos, em companhia do pai, Fernão Vieira, que, embora suspeito de ter “fugido do reino com dinheiro de Vossa Majestade”, assumiu o governo da capitania de São Vicente, em nome do donatário, conde de Monsanto. Por toda a vida Raposo também seria vassalo fiel de Monsanto. Alguns historiadores chegam a afirmar que ele destruiu as reduções do Guairá e do Tape por julgar que estariam dentro da área que pertenceria ao donatário.

Em 1627, Raposo Tavares organizou a primeira bandeira contra o Guairá. Aos jesuítas espanhóis, disse que agia assim pois tinha que expulsá-los “duma terra que é nossa (de Portugal), não de Castela”. Na volta a São Paulo, Monsanto o nomeou juiz ordinário da vila de São Paulo e ouvidor da capitania de São Vicente.

Em 1633, porém, Raposo abusou de seus poderes e, ao invadir a fazenda dos jesuítas portugueses em Barueri, nos arredores de São Paulo, teve o mandato cassado. Em 1635, um recurso lhe restituiu o cargo, mas o acusado não se interessou: estava preparando a lucrativa invasão ao Tape, no Rio Grande do Sul. Em 1639, quando o governo ofereceu perdão aos bandeirantes que lutassem contra holandeses, Raposo se alistou e partiu para o Nordeste. Lá, teria participado da derrota imposta pelos batavos à esquadra do conde da Torre, governador-geral do Brasil. Com mais de mil homens, Raposo tomou parte, então, na grande marcha dos derrotados, a pé do cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, até a Bahia: 2.700 quilômetros em quatro meses.

Nada que se possa comparar à derradeira e monumental aventura do maior dos bandeirantes: em fins de 1648, com 1.142 homens — brancos, mamelucos e índios —, Raposo Tavares partiu de São Paulo para atacar o Itatim. Embora duas reduções tenham sido destruídas, a empresa fracassou. E, em abril de 1649, porém, em vez de ordenar o retorno, Raposo marchou rumo ao desconhecido. Em fevereiro de 1651, 58 homens que, de acordo com uma carta escrita pelo padre Antônio Vieira, “pareciam mais desenterrados do que vivos” chegaram ao forte de Gurupá, próximo a Belém, no Pará. Por dois anos, tinham feito um “grande rodeio” por terras jamais percorridas: do Itatim (sul do Mato Grosso), a tropa chegara às cercanias dos Andes, na Bolívia. E então, descendo os rios Guaporé, Madeira e Mamoré, seguiram o Amazonas até Belém. Ao chegar em São Paulo, em fins do mesmo ano, Raposo Tavares estava tão desfigurado que nem mesmo parentes e amigos puderam reconhecê-lo.

Fernão Dias e a Miragem Fatal

A trágica jornada de Fernão Dias rumo à miragem de Sabarabuçu reprisou, em terras brasileiras, as vertiginosas viagens dos espanhóis em busca do Eldorado. Ao longo dos sete anos em que permaneceu no sertão à cata de esmeraldas que não estavam lá, a expedição se defrontou com todas as turbulências: fome, peste, traição, assassinato, delações, miséria e filicídio. A única concessão de um destino de resto inclemente foi permitir que, ao morrer, num delírio febril, Fernão Dias tivesse certeza de que eram esmeraldas as turmalinas que arrancara da terra.

Em 1672, quando o rei de Portugal o conclamou para ajudar na caça às pedras verdes, Fernão Dias Pais era um dos mais experientes e bem-sucedidos sertanistas de São Paulo